

CONCEPÇÕES DE VELHICE NA ATUALIDADE E OS RELACIONAMENTOS INTERGERACIONAIS

Esp. Ana Maria Ferreira¹

Me. Patrícia dos Santos Oga²

RESUMO

Este artigo se propõe a entender a realidade dos tempos de hoje em que se percebe o distanciamento entre as gerações, apesar de haver um número crescente de idosos. Diante do desafio de identificar formas de reestabelecer o vínculo rompido entre as gerações, pretende-se, por meio de pesquisas bibliográficas e documentais, identificar aspectos no âmbito familiar e social que possibilitem uma conscientização desta realidade e que auxiliem a promover uma velhice digna e respeitada, em que todos possam se beneficiar. Entender o conceito de relacionamento intergeracional, assim como a concepção de velhice a partir da visão do idoso, da família e da sociedade, possibilitará uma análise mais precisa das dificuldades em cada uma destas áreas no que se refere ao convívio com o idoso e sua interação com esta geração. É preciso também oferecer estratégias para a terceira idade resgatar a sua própria identidade, com base nos seus valores, sua história e sua vivência. Diante desta análise, pretende-se apresentar aspectos que mostrem a possibilidade de conscientizar a geração atual, em especial à família, a importância deste resgate.

Palavras-chave: Velhice; Família; Relações intergeracionais.

ABSTRACT

This article aims to understand the reality of today's times when the gap between generations is visible, despite the growing number of elderly people. Faced with the challenge of identifying ways to reestablish the broken link between generations, it intended, through bibliographic and documentary research, to identify aspects in the family and social sphere that enable an awareness of this reality and that help to promote a dignified and respected old age, in which everyone can benefit. Understanding the concept of intergenerational relationship, as well as the concept on old age from the perspective of the elderly, family and society will enable a more precise analysis of the difficulties in each of these areas with regard to living with the elderly and their interaction with this generation. It is also necessary to offer strategies for the elderly to rescue their own identity, based on their values, their history and their experience. In view of this, this analysis intended to present aspects that show the possibility of raising awareness among the current generation, especially the family, of the importance of this rescue.

Keywords: Old age; family; Intergenerational relations.

¹ Graduada em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia de Curitiba (FATEBE), especialista em Aconselhamento e Gestão de Pessoas pela Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). E-mail: aninha_laaf@yahoo.com.br.

² Mestre em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), especialista em Desenvolvimento Editorial pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão (IBPEX) do Centro universitário UNINTER. E-mail: profs_patricia@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Diante de estudos e pesquisas que se apresentam diariamente, percebe-se o aumento crescente da população, principalmente de idosos:

O crescimento da população de idosos, em números absolutos e relativos, é um fenômeno mundial e está ocorrendo a um nível sem precedentes. Em 1950, eram cerca de 204 milhões de idosos no mundo e, já em 1998, quase cinco décadas depois, este contingente alcançava 579 milhões de pessoas, um crescimento de quase 8 milhões de pessoas idosas por ano. As projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1.900 milhões de pessoas, montante equivalente à população infantil de 0 a 14 anos de idade. Uma das explicações para esse fenômeno é o aumento, verificado desde 1950, de 19 anos na esperança de vida ao nascer em todo o mundo. Os números mostram que, atualmente, uma em cada dez pessoas tem 60 anos de idade ou mais e, para 2050, estima-se que a relação será de uma para cinco em todo o mundo, e de uma para três nos países desenvolvidos. (IBGE, 2002)

Dado o crescente aumento da longevidade e a redução das taxas de mortalidade nas últimas décadas do século passado, o perfil demográfico do Brasil sofreu uma mudança. Rapidamente, deixou de ser um “país de jovens” e o envelhecimento tornou-se questão fundamental para as políticas públicas e para as pesquisas nas diversas áreas do conhecimento.

Observa-se que o mundo está em constante transformação e esta transformação traz consigo alguns conflitos e um deles é o geracional, o qual tem afetado de forma direta os relacionamentos. Pesquisas bibliográficas e documentais tentam explicar, explicar e identificar os fatores que acompanham estas transformações.

Além disso, há a responsabilidade de lidar com as relações pessoais, tanto familiares quanto nas empresas. Fraiman (2012, p. 13-14) mostra nessas novas relações uma responsabilidade que “cabe aos mais velhos o compartilhar suas experiências e sua consciência mais madura com aqueles que estão em plena transformação”.

O campo de assuntos e referências no que se refere ao idoso é extenso, por isso limitamos a abordagem a apenas quatro aspectos específicos que permeiam o idoso e seus relacionamentos. Num primeiro momento, se mostrará o conceito de relacionamento intergeracional e a importância deste vínculo na vida do idoso e de todos os que o rodeiam. Em seguida, será feita uma explicação sobre o conceito da

velhice e do entendimento deste conceito a partir do próprio idoso e sua visão do mundo. Num terceiro momento, será analisado a convivência do idoso com sua família e as dificuldades encontradas neste relacionamento, assim como as possibilidades do fortalecimento deste vínculo. Por fim, como parte das relações intergeracionais, se fará uma breve pesquisa sobre o idoso e o trabalho, relação esta tão presente nos dias de hoje.

Não há nesta pesquisa a pretensão de trazer reposta para os problemas apresentados, mas a possibilidade de, ao apresentar os problemas relevantes, levar o leitor a uma reflexão sobre o assunto, assim como o despertar para uma realidade tão presente, que de alguma forma possa contribuir para uma “mudança de mente” a respeito da velhice.

1. O QUE É O RELACIONAMENTO INTERGERACIONAL?

De acordo com o dicionário online Infopédia (2003-2016), relacionamento intergeracional é o “ato ou efeito de relacionar-se entre duas ou mais gerações.”

Na Palavra de Deus há embasamento bíblico para a necessidade da compreensão da importância de estabelecer os vínculos geracionais. Ela oferece conselhos, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, para ensinar aqueles que desejam buscar um bom convívio familiar.

Nas cartas de Paulo, ele mostra que mesmo o idoso ainda necessita continuar a aprender, assim como a importância de estar pronto a servir de exemplo sendo sóbrios, dignos e sensatos (Tito 2.2). Além disso, as mulheres mais velhas são convidadas ao ensino, para poderem ser exemplos para as mais novas (Tito 2.3-5).

Por outro lado, Paulo também pede a Tito que “Encoraje os jovens a serem prudentes” (Tito 2.6) e que “Ensine os homens mais velhos a serem moderados, dignos de respeito, sensatos e sadios na fé, no amor e na perseverança” (Tito 2.2).

Num tempo em que a velhice era garantia de sabedoria, Paulo mostra que o evangelho anula a hierarquia, e que não há idade para aprender ou ensinar. Tanto os mais velhos podem servir de exemplo aos mais jovens, como também os mais jovens podem ser instrumentos de ensino.

Leoto (2011, p. 8-12) entende que é possível “cada membro da família cumprir o seu papel sem perder a sua identidade”, assim, os pais devem manter uma vida saudável e responsável diante dos filhos; da mesma maneira, os filhos procuram retribuir o bem recebido num tratamento de honra e respeito, mesmo diante das discordâncias. É necessário que a família atual aprenda a “viver em conciliação”, extraindo o que cada um tem de melhor, vencendo o desafio diário, pois “Como andarão dois juntos se não houver entre eles acordo?” (Amós 3.3).

Pode-se perceber neste contexto a igual importância de se trabalhar não só com o idoso, mas com todas as pessoas do seu convívio, o que não é uma tarefa fácil. Uma situação que fica evidente nos dias de hoje é a resistência, tanto do idoso quanto da nova geração, em se relacionar sem preconceitos.

Abranson (2006, p. 11) fala da importância de se levar a sério as necessidades do idoso, e afirma que a insensibilidade em relação a este grupo tornou-se uma epidemia nacional. “Um dos idosos ao comentar sobre o assunto, disse que às vezes tem a sensação de ser invisível”. Muitas vezes a família se reúne com o intuito de estar perto do familiar idoso, porém quase não interage com ele.

Conscientizar a geração atual a olhar para o idoso não apenas como um cliente em potencial, mas como um cidadão, com necessidades, uma bagagem valorosa, conhecimento e um histórico familiar é um desafio real.

Desde o nascimento, o ser humano é preparado para crescer, ir à escola, namorar, casar, ter filhos e trabalhar, porém, quando o assunto é envelhecer, ninguém está preparado. A sociedade atual é imediatista, e está preparada apenas para a atualidade; assim, não se pára para planejar e se preparar para um futuro próximo.

2. SOBRE A VELHICE

Hoje se valoriza muito o novo. Vive-se numa cultura orientada pelo consumismo, o velho passa a ser ultrapassado, fora de uso, descartável. Por vezes essa atitude é transferida para as pessoas. Ser idoso significa para muitos ser ultrapassado, velho, inútil, em suma, um problema.

Segundo Pereira & Vieira (1996, p. 29), “a velhice é uma fase de adaptação a mudanças internas (em você mesmo) e externas (em seu meio social). É uma adequação a novas condições que podem ter diminuído sua qualidade de vida com referência a alguns aspectos.”

Esta mentalidade não está atrelada apenas ao jovem, à geração atual. Muitos idosos, antes mesmo de chegarem a ser de fato um idoso, vão deixando de viver, acreditando que não têm mais nada a oferecer. Muitas vezes, não apenas deixam de viver, mas julgam aqueles que seguem fazendo planos, novas buscas e até mesmo mudança de atitudes. Não admitem que um idoso possa viver e se desenvolver ao chegar na terceira idade, e o desenvolvimento de outro idoso, o faz sentir-se incomodado,

A consciência de que cada fase da vida tem seus aspectos positivos e negativos nunca poderá ser perdida. A certeza de que todo ser humano é único [...] e de que cada um tem um papel a desempenhar no grande teatro da vida (não importa quão simples seja) também não poderá ser negligenciado. (PEREIRA & VIEIRA, 1996, p. 64)

Segundo Pereira & Vieira (1996, p. 9) “Não é natural que o ser humano envelheça. Quando estamos saudáveis não envelhecemos; apenas passamos” de uma fase para outra. Cada fase é como uma estação da vida que se bem aproveitada torna-se tempo bem vivido. Esses autores ainda afirmam que “a velhice não é uma questão de idade: é tempo mal vivido; é estagnação; é a doença de não ser o que se é” (p. 9). A velhice traz consigo transformações inevitáveis que muitas vezes exigem mudanças de hábito e que “podem ser vistas como oportunidades de perceber o universo à sua volta” (p. 37).

Pereira & Vieira (1996) revelam de forma prática e esclarecida a importância de entender a questão do envelhecimento, seu conteúdo, sua forma de se relacionar, de pensar, de comunicar e de produzir. É possível e necessário aprender a conhecer o idoso na sua integralidade e saber como tratá-lo.

O Estatuto do Idoso, aprovado em setembro de 2003 e sancionado pelo presidente da República no mês seguinte, foi instituído no Brasil com o propósito de regular os direitos assegurados aos idosos, com idade igual ou superior a sessenta anos. Ele traz consigo a obrigatoriedade da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público, de assegurar-lhes o direito à vida, à saúde, à alimentação etc.

Documentos como o Estatuto do Idoso são exemplos da tentativa da sociedade em mostrar sua preocupação e interesse.

Percebe-se que, com o passar dos anos, o governo tem investido de forma mais efetiva na participação do idoso na sociedade, trazendo assim uma nova realidade em que o idoso é engajado no meio de trabalho, segue produzindo e, para muitos, isso faz sentirem-se úteis.

No entanto, há muito o que ser feito ainda, por exemplo, tornar essas ações em atitudes práticas a partir de um entendimento de responsabilidade e amor é o grande desafio desta época, principalmente no ambiente familiar.

Com o rápido crescimento do número de idosos no Brasil em um período tão curto, é preciso compreender que existe a necessidade de atender a essa demanda. Allegretti (2016, s.p.) afirma que o “Brasil precisa correr para atendê-los no que eles têm de melhor e mais saudável: o desejo de viver com independência e autonomia.”

A autonomia refere-se à capacidade mental ou intelectual que o indivíduo possui para decidir, sem depender de terceiros. E esse é um dos pontos relevantes para os autores pesquisados: quanto mais o idoso consegue viver sua autonomia, mais saudável ele passará pela velhice.

Porém, muitos idosos devido à sua fragilidade física ou motora, encontram limitação física para a realização de suas atividades e, impossibilitado de agir sozinho, torna-se dependente de alguém para realizar atividades que até então realizava sem a menor dificuldade, o que lhe tira esta autonomia plena,

Em todo o mundo, os maiores temores das pessoas diante do envelhecimento têm relação direta com a perda de autonomia. Foi o que revelou um recente levantamento da consultoria Nielsen realizado com 30.000 indivíduos em sessenta países, incluindo o Brasil. Não conseguir cuidar das necessidades básicas, perder a agilidade física e mental, ser um fardo para a família e não ter condições de viver com conforto foram os medos mais citados pelos entrevistados (ALLEGRETTI, 2016, s.p.)

Envelhecer para muitos idosos significa deixar de ter valor, tanto para a sociedade como para si mesmo. Araújo (2001, p. 11) fala que “salvo em algumas culturas, [...] onde os mais velhos são vistos e reconhecidos como sábios, o que se observa [...] de um modo geral [...] há um desrespeito constante e crescente pelo ‘crime de envelhecer’”.

O medo e a insegurança que aumentam na velhice levam o idoso muitas vezes a escolher alguém em quem ele se apegue e confie. Allegretti (2016, s.p.) comenta sobre um programa denominado “Porteiro Amigo do Idoso”, criado em 2010, no qual foram capacitados mais de 1.700 porteiros dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. “A ideia partiu de Alexandre Kalche que, quando voltou a sua cidade natal depois de uma temporada no exterior, decidiu investigar em quem, os idosos que moravam sozinhos, mais confiavam. E a resposta foi: os porteiros.”

Quando o idoso encontra alguém em quem ele pode confiar de fato, que acredita em seu potencial, suas expectativas aumentam. O idoso precisa ter ao seu lado pessoas que olhem para ele como um indivíduo, como parte ativa da humanidade, que se importem com suas histórias, suas experiências. Quando alguém se aproxima de um idoso e extrai dele o seu melhor pode se tornar um descobridor de sonhos.

É necessário buscar esta consciência de que “eles são experientes e certamente capazes o suficiente para seu auto respeito, o bastante para viverem e não se sentirem um fardo” (PEREIRA E VIEIRA, 2016, p. 22).

3. A CONVIVÊNCIA EM FAMÍLIA

Todo ser humano precisa de relacionamento familiar, precisa se sentir amado, seguro, especialmente o idoso. Há aqueles que optam por viver sua individualidade, independentes, o que não é ruim e é muito frequente hoje em dia.

“A instituição ‘Família’ é compreendida como natural, universal e imutável” (ALCANTARA, 2016, p. 4). A maioria das literaturas que se referem ao idoso consideram que a melhor garantia de amparo aos idosos está relacionada ao seu convívio familiar. Este convívio não significa necessariamente estar debaixo do mesmo teto:

Entretanto, o discurso tradicional de que o amparo à velhice deve ser uma responsabilidade da família é hoje incerto, haja vista o contexto socioeconômico do País, sobretudo entre as gerações mais novas, em razão do enfrentamento das dificuldades na conquista de sua estabilidade, um dos motivos pelos quais o velho assume o orçamento familiar, não obstante as poucas aposentadorias (ALCANTARA, 2016, s.p.)

Leoto (2011) fala da dificuldade da convivência em família diante da ruptura entre as gerações que a cada dia fica mais explícito. Esse autor ressalta também a importância do resgate deste vínculo e os benefícios que ele traz. Assim como a geração de jovens necessita de bons exemplos dos mais velhos, também a geração mais antiga necessita de vigor, das ideias novas, dos desafios dos jovens. Num relacionamento familiar onde cada um cumpre seu papel, sem perder sua identidade, pode haver a possibilidade de um vínculo fortalecido e saudável.

Na Constituição Federal lê-se: “Os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade” (ARAÚJO, 2001, p. 30). Ele afirma que “quando a ONU (Organização das Nações Unidas) elegeu 1999 o Ano Internacional dos Idosos, pretendeu chamar a atenção para o grande desafio que a humanidade enfrentará neste novo século.” (p. 30).

A maioria das pessoas ao cuidarem de um familiar idoso o fazem como obrigação ou como forma de pagamento de uma dívida; poucas vezes de forma carinhosa como expressão de amor. Diante desta atitude, o resultado pode não ser bom.

Azevedo (1998) entende que “a família deve assumir a sua importância perante o idoso, compreendendo-o, apoiando-o e protegendo-o, pois o seu comportamento consciente é fundamental na conquista dos melhores resultados” (p. 28).

Há ainda, de um lado, o desejo de alguns em querer cuidar e, de outro, a angústia de não conseguir, pelo cansaço ou pela ausência de recursos mais adequados. Acrescenta-se a isso a angústia compartilhada, quando se percebe que a pessoa que sempre cuidou de todos de repente não tem mais condições de cuidar de si mesmo.

Descobrir algo que o idoso gosta de fazer e ainda pode fazê-lo sem riscos torna-se importante no seu desenvolvimento e autoestima. “Descubra o que eles podem fazer e deixe que façam” (ABRAMSON, 2006, p. 21). Na ânsia de proteger, cuidar, muitas vezes o idoso é tolhido e impedido de fazer aquilo que ainda lhe traria um sentimento de valor e alegria e, acima de tudo, o faria sentir-se útil.

Leoto (2011) faz um alerta ao que diz a Palavra de Deus em Efésios 6.1-4 e I Timóteo 5.4 e afirma:

Cada membro da família cumprindo o seu papel sem perder a sua identidade. Pais procurando manter uma vida saudável e responsável diante dos filhos; filhos retribuindo o bem recebido num tratamento de honra e respeito, mesmo quando houver discordâncias; da mesma forma o tratamento dos avós, parentes etc. (LEOTO, 2011, p. 8-12)

No entanto, os filhos, muitas vezes, têm suas próprias famílias para atender, ambos os cônjuges precisam trabalhar fora para manter o sustento a casa. É neste momento que, por vezes, o idoso, que deveria ser cuidado pela família, precisa ser submetido aos cuidados de outro. Aí se percebe que “cuidar de um familiar idoso e garantir seu bem-estar psicológico e emocional requer muito mais do que uma polpuda conta bancária” (ABRAMSON, 2006, p.15).

Outro fator que envolve a família se refere ao convívio dos netos com os avós. Pode-se afirmar que há neste relacionamento benefícios para as famílias que conseguem conciliar essas questões e permitem que as crianças cresçam no convívio com o avô ou a avó.

Enquanto os pais correm de um lado para o outro, cuidando dos afazeres, se preocupando em dar um futuro melhor para os filhos, os avós, que dispõem de mais tempo, conseguem ter paciência e podem dar mais atenção e valor àquilo que realmente importa. Leshan (1992, p. 15) afirma que “a pessoa que tem netos experimenta um sentimento maravilhoso de que toda uma nova geração está começando e que haverá continuidade da família”.

Dessa maneira, pode-se prever uma nova atribuição à velhice: “A terceira idade deve ser considerada uma fase feliz da existência, um momento de transmissão de experiência e sabedoria e o envelhecimento deve ocorrer com dignidade” (AZEVEDO, 1988, p. 29). Saber compreender esta verdade e valorizar este conceito poderá ser uma grande chave para um bom convívio para a família. Há ainda essas situações, em que é o idoso quem cuida dos seus, e deixa de olhar para as suas necessidades e se entrega por inteiro. “Verifiquei que a ajuda prestada pelos idosos extrapola o caráter financeiro, somando assim, o cuidado com os netos e com o trabalho da casa, assunto esse de destaque.” (ALCANTARA, 2016, p. 9.).

A falta de entendimento e de esclarecimento sobre a importância deste vínculo das gerações no âmbito familiar, tanto por parte do idoso como da família, e o despertar para a realidade de que não é preciso parar de viver, tem levado muitos

idosos a buscar alternativas que lhe proporcionem bem-estar, seja no campo de trabalho ou nas muitas atividades que podem desempenhar.

4. AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NO TRABALHO

Fala-se de uma geração que se importa, porém o que se vê na realidade é o descaso com a pessoa do idoso no comportamento da maioria das pessoas. Transformar a mente e o comportamento atual poderá levar ainda alguns anos, porém é necessário acreditar e querer ver a mudança.

Se a família, que inicialmente é a principal responsável pelo idoso, muitas vezes se descarrega dessa responsabilidade, pouco a sociedade em geral ou os governos podem cumpri-la. Esta tarefa, no entanto, é responsabilidade dessas três instituições e somente quando cada um fizer sua parte será possível permitir ao idoso uma vida digna, justa e honrada.

Duarte e Oliveira (2006) definem a velhice como “um despertar para uma nova leitura da história de si mesmo, transcendendo as crenças de que o idoso está condenado às percepções de declínio natural da idade e ao temor da morte” (p. 87). Afirmam ainda que “em nossa sociedade o homem rejeita o envelhecimento, não se conformando com a sua evidência. A terceira idade desperta sentimentos negativos, como piedade, medo e constrangimentos” (p. 30). Por este motivo vê-se muitos idosos lutando para prosseguir em seu trabalho mesmo após sua aposentadoria.

A supervalorização do novo por vezes provoca no idoso a necessidade de ser jovem ou portar-se como. Por outro lado, através de seus discursos, percebe-se da parte do idoso uma avaliação sobre a sociedade atual, a qual ficou pior, segundo seus conceitos. Ele acredita que valores outrora considerados melhores não se fazem mais presentes.

Uma situação que tem sido enfrentada na atualidade é o duelo entre gerações com a participação de jovens e do idoso dentro das empresas. O jovem eventualmente olha para o idoso como “peso”, aquele que impede o desenvolvimento do novo. Em contrapartida, o idoso se fecha e olha para o jovem como irresponsável, irreverente, descomprometido com a empresa.

É difícil para o idoso conceber que um jovem com fone no ouvido, conectado ao celular, que por vezes chega atrasado e está sempre conectado com tudo à sua volta, possa desenvolver um bom trabalho na empresa. Entende que esta atitude revela a falta de respeito com seu trabalho e autoridades. Isso não define o bom resultado, pelo contrário, a habilidade de fazer mil coisas ao mesmo tempo permite ao jovem, com sua cabeça fresca, cheia de ideias, desempenhar um bom trabalho.

Em contrapartida, os jovens, por sua agilidade, se irritam com a lentidão e tranquilidade do idoso e sua postura tão impecável diante da empresa. Este, procura nunca se atrasar, tem compromisso com a empresa e com sua palavra. Nunca deixa para amanhã o que pode ser feito hoje. Os jovens ignoram a terceira idade, achando que muitas vezes não chegarão lá, como se a velhice não fosse real. A Palavra de Deus afirma que “aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gálatas 7.6):

Quando isto acontece a perda pode ser grande em ambos os aspectos. Se o gerente de uma empresa dispensa o jovem por consideração ao funcionário idoso que lá está, ele está jogando fora a possibilidade de inovar, de crescer em novidade. Já se dispensa o idoso, está jogando fora toda uma carga preciosa de experiência de vida, de segurança e sabedoria que pode servir de fundamento para as grandes conquistas (LEOTO, 2011, p. 8-12)

Uma empresa que possua um jovem e um idoso trabalhando juntos e que entenda a necessidade de unir a experiência, o conhecimento e a sabedoria com a garra de aprender, poderá se expandir/inovar. Saber lidar com esta situação requer a capacidade de tentar acertar:

Não podemos abrir mão da colaboração dos brasileiros da terceira idade na construção de um país mais justo. A rica experiência, o conhecimento e a temperança acumulados ao longo da vida de vários anos de trabalhos constituem riqueza e patrimônio. Faz parte do capital social e intelectual investido e compõem os recursos para a construção do futuro. Trabalhando, ensinando, participando de ações voluntárias, de organizações não governamentais, discutindo e opinando, os idosos são fundamentais para o Brasil. (DIAS, 2003, p. 5)

Quanto mais rápido esta consciência de que o crescimento e o aprendizado são resultado de trocas e respeito mútuo, mais rápido se usufrui dos benefícios que este entendimento pode trazer.

O fato de as gerações conviverem num mesmo ambiente, seja ele familiar, social ou empresarial, pode contribuir para amenizar a distância entre elas e as dificuldades que cada uma possui.

Os mais velhos precisam dos mais jovens: de sua energia, motivação, criatividade, informalidade, flexibilidade, rapidez, sua capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo, sua visão de um mundo sem fronteiras, globalizando e o seu bom trânsito entre minorias. Já os mais jovens precisam dos mais velhos: de sua experiência, vivência, maturidade, conhecimento, reflexão, com conselho, exemplo, direção, esforço e resultados comprovados (LEOTO, 2011, p 8-12).

Apesar de suas limitações e fragilidades, incluir o idoso no meio social e no meio empresarial pode trazer benefícios para ambos, afinal “ser útil é uma necessidade psicológica básica do ser humano” (PEREIRA & VIEIRA, 1996, p. 83).

O idoso é um cidadão como qualquer outro. Por isso, seja por conta própria ou por meio das associações, deve participar da vida em sociedade e o que é muito importante: sem se sentir inferior ou incapaz diante dos mais jovens:

A ideia de que os idosos já cumpriram o seu papel ativo na sociedade e “merecem” descanso pelo tempo trabalhado é ultrapassada. A verdadeira expectativa dos idosos é a perspectiva de uma vida útil e prazerosa. (RICHA, [20--?], p. 2)

Pode-se desistir diante os obstáculos ou encontrar forças para superá-los de forma a chegar na reta final como um vencedor. Nas relações intergeracionais está lançado o desafio de crescer, pois “a vida é um processo dinâmico, um vir a ser constante; tudo flui, muda, se move. Nada é estático. Mudança é essencial à vida.” (PEREIRA & VIEIRA, 1996, p. 29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano passa por várias fases antes de chegar à velhice, por isso torna-se um manancial de bagagens muito preciosas. Entender a velhice como dádiva, faz com que se viva mais, de forma mais saudável, mais intensa, e se valorize cada minuto, cada dia, cada oportunidade.

A família tem um papel fundamental nesse desenvolvimento saudável, pois o idoso necessita sentir-se seguro e amado. Entender a importância e o papel de cada pessoa no âmbito familiar, assim como na sociedade, permite encontrar equilíbrio e saúde no relacionamento intergeracional. O idoso também é responsável pelo estabelecimento saudável do vínculo geracional, considerando que ele é a fonte primária de conhecimento e experiência acumulados ao longo dos anos.

Não há uma receita pronta, mágica para o que se refere ao relacionamento humano. O ser humano é complexo e único na sua individualidade. Se propor a entender o outro na sua dimensão, respeitando as diferenças, pode ser o primeiro passo para um 'estabelecer' dos vínculos quebrados entre as gerações.

Cabe salientar aqui a importância de um olhar crítico sobre as convenções do que seja família, idoso e relacionamentos intergeracionais de modo a recompor o tratamento dado a essas categorias. O exercício do amor e respeito de forma incondicional, desinteressado, menos possessivo e egoísta é também outra forma de aprendizagem que pode florescer não somente na terceira idade, e isso depende da disposição de cada um em fazer sua parte.

A vida apresenta em seu percurso passagens desoladoras. A alegria e o bom convívio passam a ser uma planta delicada que precisa ser cultivada com dedicação.

Através das bibliografias pesquisadas pode-se entender que há informações e orientações a respeito do assunto aqui tratado ao alcance de todos aqueles que desejam ser a diferença. Por meio de leituras, palestras, e projetos oferecidos hoje pela sociedade e instituições religiosas, torna-se possível rever estes conceitos e buscar um relacionamento saudável, tanto no ambiente familiar quanto social e empresarial.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
ABRAMSON, Alexis; DUNKIN, Mary Anne. **Nossos pais envelheceram e precisam de nós.** São Paulo: Landscape, 2006.

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. Família e velhice: Gerações em foco. 4º Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, CIEH. 21 a 26 set. 2015.
Anais. Disponível em:
<www.editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV040_MD2_SA1_I_D2295_20072015212458.pdf>. Acesso em 28 mai. 2016.

ALLEGRETTI, Fernanda. Envelhecer no século XXI. **Revista Veja.** Publicado em 18/03/2016. Disponível em: <<http://migre.me/ucrk0>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

ARAUJO, Paulo Bernardo de. **Alzheimer** – o idoso, a família e as relações humanas. Rio de Janeiro: O Autor, 2001.

AZEVEDO, João Roberto D. **Ficar Jovem leva tempo**: um guia para viver melhor. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

BRASIL. Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico. Comunicação Social. **Perfil dos Idosos responsáveis pelos domicílios**. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002>. Acesso em 26 mai. 2016

DIAS, Osmar. **Estatuto do Idoso e normas correlatadas** – Dispositivos Constitucionais Pertinentes Lei n 10.741, de 1 de outubro de 2003.

DUARTE, Walquiria Fonseca; OLIVEIRA, Sergio dos Santos de. O envelhecer e a arte de envelhecer. In: BERTELLI, Sandra Benevento. (Coord.). **O idoso não quer pijama!**: aprenda a conhecer e como tratar esse novo cliente. Rio Janeiro-RJ: Qualitymark, 2006.

FRAIMAN, Leo. Apresentação. In: OLIVEIRA, Sidnei. **Jovens para sempre**: Como entender os conflitos de gerações. São Paulo: Integrare, 2012.
Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico: **Intergeracional**. Porto: Porto Editora, 2003-2016. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/intergeracional>>. Acesso em: 20 out. 2016

LEOTO, Magali Henriques. Conflito entre gerações: Como conviver em família? **Lar Cristão**, ano 28, nº 139. Disponível em: <www.erasmobra.com.br/conflito-entre-geracoes-como-conviver-em-familia>. Acesso em: 26 mai. 2016.

LESHAN, Eda. **Esses maravilhosos avós**: um amor muito especial. São Paulo: Maltese-Norma, 1992. (Serie vida e família).

PEREIRA, Iêda Lúcia Lima; VIEIRA, Cora Martins. **A terceira idade**: guia para viver com saúde e sabedoria. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Carpe Diem, 1996.

RICHA, Fernanda. **Os direitos da pessoa idosa**. Curitiba: FAS, [20--?].

WEINGAERTNER, Martin; HOFFMANN, Arzemiro. **Em diálogo com a Bíblia** – Tito e Filemom. Curitiba/PR: Encontrão, 1995.